

# promontoria

Revista de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve

Ano 13 - N.º 13  
2020 - 2021

**Editor**

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais  
Universidade do Algarve  
Campus de Gambelas, Faro  
promontoria@ualg.pt

**Comissão Editorial**

António Paulo Oliveira  
Maria João Valente  
Renata Malcher de Araujo

**Conselho Científico**

Cláudio Torres (Campo Arqueológico de Mértola)  
Cristiana Bastos (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)  
Joaquim Romero Magalhães (Universidade de Coimbra)  
Jorge Alarcão (Universidade de Coimbra)  
José Eduardo Horta Correia (Universidade do Algarve)  
Jean Pierre Molenat (Centre National de la Recherche Scientifique, França)  
Lawrence G. Straus (University of New Mexico, Estados Unidos da América)  
Maria Jesus Viguera (Universidad Complutense de Madrid, Espanha)  
Michael Kunst (Deutsches Archäologisches Institut, Alemanha)  
Pedro Dias (Universidade de Coimbra)  
Zília Osório de Castro (Universidade Nova de Lisboa)

**IMPRESSÃO**

Gráfica Comercial – Loulé  
[geral@graficacomercial.com](mailto:geral@graficacomercial.com)  
[www.grficacomercial.com](http://www.grficacomercial.com)

**TIRAGEM**

250 exemplares

ISSN 1645-8052

DEPÓSITO LEGAL N.º 199519/03

# Vila Real de Santo António na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos à guarda do Arquivo Histórico Municipal ARM/VRSA

Fernando Pessanha  
Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes

## Introdução

Tal como temos vindo a defender em anteriores trabalhos, têm sido vários os contributos a nível da investigação que, nos últimos anos, têm incidido sobre a obra cartográfica de José de Sande Vasconcelos, engenheiro militar colocado no Reino do Algarve aquando da implementação do Plano de Restauração concebido por Sebastião José de Carvalho e Melo, o ministro de D. José I tradicionalmente conhecido como Marquês de Pombal. Autor de mais de cento e cinquenta trabalhos cartográficos relativos ao Reino do Algarve, Sande Vasconcelos deixou um legado manifestamente notável, produzido entre 1772, ano do seu estabelecimento no Algarve, e 1808, ano do seu falecimento. É certo que a sua profícua obra, consubstanciada na produção de mapas de natureza geográfica, topográfica, corográfica, estatística e hidrográfica, destaca-se pelo levantamento da Arquitetura Militar do Algarve, nomeadamente, no que respeita ao registo e representação de fortalezas, fortes, baterias, aquartelamentos e outras estruturas da Arquitetura Militar da Idade Moderna. Porém, há também que ter em consideração a qualidade técnica, artística e descritiva evidenciada em produções menos conhecidas e menos comuns na sua obra cartográfica e de que são exemplo paradigmático o conjunto de vistas que representam a construção de Vila Real de Santo António ou as manobras militares realizadas aquando da inauguração da mesma. É nesse sentido que, tendo como balizagem cronológica o compasso de tempo compreendido entre 1774 e 1776, o presente artigo tem como objetivo abordar esta vila iluminista na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos à guarda do Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes, em Vila Real de Santo António.

## Sande Vasconcelos no contexto historiográfico

Seria metodologicamente incoerente avançar no presente artigo sem antes colocar em evidência alguns dos contributos que nas últimas décadas têm vindo a ser dados à estampa sobre a vida e a obra de Sande Vasconcelos. De facto, longe vão os tempos em que o conhecimento sobre este engenheiro militar limitava-se às informações que eram facultadas por obras generalistas, como a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*:

Sande Vasconcelos, José de – Coronel do Real Corpo de Engenheiros, em 1795 foi nomeado lente proprietário da cadeira de Fortificações do Regimento de Infantaria de Faro, na Cidade de Tavira. Existem na Biblioteca Nacional de Lisboa 3 mapas da sua autoria<sup>1</sup>.

Como adiante veremos, muito mudou desde então. É nesse sentido que trabalhos como "Apontamentos para a História das Fortificações do Reino do Algarve - o mapa das Fortificações do Algarve Desenhado por José de Sande Vasconcelos", publicado por Carlos Pereira Callixto em 1982<sup>2</sup>, assumem particular importância, não só pela novidade que então constituiu na construção do conhecimento sobre este engenheiro militar, como também por praticamente inaugurar um conjunto de outras investigações que se lhe seguiram, como "José de Sande Vasconcelos: engenheiro militar e cartógrafo no Algarve nos finais do séc. XVIII", publicado por Francisco António Dias Brabo, em 2004<sup>3</sup>. De resto, estes incontornáveis trabalhos serviram de base de sustentação para a produção de outros contributos que têm vindo a ser publicados no decurso dos últimos anos e de onde destacamos "Celebrações Barrocas na Cartografia de José de Sande Vasconcelos", publicado por Daniela Pereira, em 2016<sup>4</sup>, e os trabalhos do tenente-coronel Manuel Rato, nomeadamente, "O eborense José de Sande Vasconcelos: Engenheiro militar e cartógrafo do Algarve dos finais do século XVIII"<sup>5</sup>, também publicado em 2016 e "As representações cartográficas e iconográficas do Reino do Algarve dos finais do século XVIII, pelo engenheiro militar eborense José de Sande Vasconcelos", publicado em 2019<sup>6</sup>. Registe-se, por fim, "O sotavento algarvio na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos: os casos de VRSA e Faro", que tivemos oportunidade de publicar já em 2020<sup>7</sup>.

### Breve apontamento biográfico

Elencados alguns dos trabalhos publicados nas últimas décadas sobre a obra cartográfica deste engenheiro militar, importa debruçarmo-nos brevemente

<sup>1</sup> *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 27, p. 46.

<sup>2</sup> Carlos Pereira Callixto, "Apontamentos para a História das Fortificações do Reino do Algarve - O mapa das Fortificações do Algarve Desenhado por José de Sande Vasconcelos", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XII, pp. 295-324.

<sup>3</sup> Francisco António Dias Brabo, "José de Sande Vasconcelos: engenheiro militar e cartógrafo no Algarve nos finais do séc. XVIII", in *Stilus*, Nº 6-7, pp. 145-176.

<sup>4</sup> Daniela Pereira, "Celebrações Barrocas na Cartografia de José de Sande Vasconcelos", in *Dibujar y pintar el mundo: Arte, cartografía y política*, pp. 155-160.

<sup>5</sup> Manuel Rato, "O eborense José de Sande Vasconcelos: Engenheiro militar e cartógrafo do Algarve dos finais do século XVIII", in *Boletim do Arquivo Distrital de Évora*, Nº 4, pp. 67-96.

<sup>6</sup> Manuel Rato, "As representações cartográficas e iconográficas do Reino do Algarve dos finais do século XVIII, pelo engenheiro militar eborense José de Sande Vasconcelos", in *Jornadas de História do Baixo Guadiana (2014-2018)*, pp. 82-100.

<sup>7</sup> Fernando Pessanha, "O sotavento algarvio na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos: os casos de VRSA e Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLII, pp. 71-107.

sobre alguns aspectos da vida de Sande Vasconcelos até ao momento em que foi colocado no Reino do Algarve. Com efeito, seria um manifesto exagero considerarmos a existência de uma efetiva biografia de José de Sande Vasconcelos. De facto, e apesar dos significativos contributos dados à estampa por autores como Carlos Pereira Callixto, Francisco António Dias Brabo ou Manuel Rato, continuam a subsistir algumas lacunas no que respeita à reconstituição da sua vida. Ainda assim, e porque a vida do autor nunca deve ser dissociada da sua obra, não podemos passar sem fazer alguns breves apontamentos biográficos, de modo a compreendermos em que contexto vão surgindo as suas produções cartográficas.

Nascido em Évora, em 1738, Sande Vasconcelos enveredou pela vida militar em 1749, tendo ingressado na Academia Militar da Corte em 1756, onde cursou fortificação e se formou em engenharia militar. Em 1758 foi promovido a ajudante de infantaria (equivalente a tenente) com exercício de engenheiro e, em 1761, contraiu matrimónio com D. Maria Joaquina de Ataíde e Melo. No ano seguinte foi promovido a capitão, sendo que por essa altura prestava serviço em Almeida, onde assistiu à capitulação desta praça de guerra, no contexto da Guerra Fantástica<sup>8</sup>. Em 1769 esteve presente na evacuação de Mazagão<sup>9</sup> e dois anos depois foi promovido a sargento-mor (equivalente a major). Em 1772, Sande Vasconcelos foi colocado no Reino do Algarve “para nele assistir, exercitando o seu emprego na forma que exercita o Sargento-Mor Romão José do Rego”<sup>10</sup> e onde participou ativamente na edificação de Vila Real de Santo António, projeto concebido ao abrigo do *Plano de Restauração do Reino do Algarve* idealizado pelo ministro de D. José I, o Marquês de Pombal. Como de seguida iremos ver, foi exatamente na vila pombalina que este engenheiro militar produziu, ainda numa fase incipiente da sua carreira, um conjunto de documentos que se destacam no *compendium* geral da sua notável produção cartográfica e que se encontram à guarda do Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes, em Vila Real de Santo António.

---

<sup>8</sup> Sobre a “Guerra Fantástica” veja-se António Barrento, *Guerra Fantástica 1762. Portugal, o Conde de Lippe e a Guerra dos Sete Anos*, 2006.

<sup>9</sup> Sobre a evacuação de Mazagão veja-se Augusto Ferreira do Amaral, *Mazagão - A Epopeia Portuguesa em Marrocos*, pp. 203-213.

<sup>10</sup> Sobre o engenheiro militar Romão José do Rego veja-se Claudio de Chaby, *Synopse dos decretos remetidos ao extinto Conselho de Guerra*, Vol. V, p. 104; Francisco de Sousa Viterbo, *Diccionario Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses ou a serviço de Portugal*, Vol. II, p. 358; Carlos Pereira Callixto, “Apontamentos para a História das Fortificações do Reino do Algarve - O mapa das Fortificações do Algarve Desenhado por José de Sande Vasconcelos”, in *Anais do Município de Faro*, Vol. XII, p. 305; Francisco António Dias Brabo, “José de Sande Vasconcelos: engenheiro militar e cartógrafo no Algarve nos finais do séc. XVIII”, in *Stilus*, Nº 6-7, pp. 166-167. São vários os documentos que referem Romão José do Rego à guarda do Arquivo Histórico Militar. Veja-se, a título de exemplo, o documento relativo ao concelho de Santo António de Arenilha, intitulado *Relação da artilharia, palamenta e munições de pólvora e bala das baterias da praia de Monte Gordo, sítio do Medo-Alto, Ponta da Areia, Ponta de Santo António e fortaleza de Castro Marim, assinada por Romão José do Rego*, PT/AHM/DIV/4/1/02/14.

### Vila Real de Santo António: A produção cartográfica entre a edificação (1774) e a fundação (1776)

Como anteriormente vimos, Sande Vasconcelos ingressou na Academia Militar da Corte em 1756, onde cursou fortificação e se formou em engenharia militar. É certo que a constante evolução da componente científica e a permanente adoção de novas técnicas aliadas a um conhecimento empírico alicerçado ao longo dos tempos, transformou esta academia numa prestigiada instituição militar de ensino. Podemos considerar, portanto, que Sande Vasconcelos usufruiu de sólida preparação técnica e científica,

nomeadamente no que respeita à sua Formação no campo da matemática, que se pretendia constituísse o núcleo duro da formação dos engenheiros militares e, mais especificamente, no campo da «trigonometria plana» (...) matéria essencial à formação de um cartógrafo<sup>11</sup>.

Seria redundante considerar que a preparação técnica e científica que Sande Vasconcelos adquiriu na Academia Militar da Corte foi posta à prova durante os trabalhos desenvolvidos no complexo da fábrica da pólvora de Alcântara, em Lisboa, sob as orientações de Guilherme Elsdon<sup>12</sup>. Será, seguramente, o seu bom desempenho junto deste engenheiro militar inglês a estar na origem da sua colocação no Algarve, de modo a substituir o sargento-mor Romão José do Rego na função de engenheiro militar. No entanto, e apesar de Sande Vasconcelos ter produzido alguns trabalhos entre a sua chegada ao Algarve, em 1772, e os inícios da construção da vila pombalina, em 1774<sup>13</sup>, foi em Vila Real de Santo António que produziu um conjunto considerável de documentos onde se destacam produções menos conhecidas e menos comuns da sua obra cartográfica.

De entre os vários trabalhos que constituem o *corpus* cartográfico produzido por este engenheiro militar encontram-se, desde logo, um conjunto de três *vistas* que, tal como referimos em anterior publicação, bem merecem um estudo aprofundado, na medida em que se apresentam como importantíssimos testemunhos sobre a edificação de Vila Real de Santo António<sup>14</sup>. Não é intenção do presente artigo fazer uma análise exaustiva destas *vistas* adquiridas em 2013 pela

---

<sup>11</sup> Manuel Rato, "O eborense José de Sande Vasconcelos: Engenheiro militar e cartógrafo do Algarve dos finais do século XVIII", in *Boletim do Arquivo Distrital de Évora*, Nº 4, p. 78, nota 27.

<sup>12</sup> Biblioteca Digital do Exército, 2411-2-21-30; Biblioteca Digital do Exército, 2412-2-21-30.

<sup>13</sup> Os trabalhos produzidos por Sande Vasconcelos anteriores a 1774 encontram-se discriminados no quadro (ainda que manifestamente desatualizado) elaborado por Francisco António Dias Brabo em "José de Sande Vasconcelos: engenheiro militar e cartógrafo no Algarve nos finais do séc. XVIII", in *Stilus*, Nº 6-7, pp. 153-154.

<sup>14</sup> Fernando Pessanha, *Os 500 anos da Fundação de Arenilha – Memórias de uma «vileta» nascida no decurso da Expansão Portuguesa*, p. 90. nota 240. Do mesmo autor veja-se também "O sotavento algarvio na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos: os casos de VRSA e Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLII, pp. 72-77.

Direção Regional de Cultura do Algarve e presentemente à guarda do Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes, em Vila Real de Santo António. Contudo, e ainda que os condicionalismos de um artigo desta natureza inviabilizem, desde logo, a apresentação de uma investigação mais aprofundada, não podemos passar sem tecer algumas considerações sobre estes documentos cujo estudo permanece praticamente inédito.

Em traços gerais, trata-se de três desenhos manuscritos a tinta-da-china, sobre suporte de papel e devidamente numerados, sendo que o primeiro, intitulado *Fragmento do Prospecto da V.ª de S. Ant.º. d. Arenilha, tirada no dia 28. de Março, e feita no dia seguinte pelo Sargento mor Joze de Sande Vasconcellos*, apresenta dimensões na ordem dos 38 cm de altura por 226 cm de comprimento e mostra em que ponto se encontrava a construção da vila régia em 28 de Março de 1774. Se tivermos em consideração que a primeira pedra da vila pombalina foi simbolicamente colocada no dia 17 de Março de 1774, numa cerimónia onde estiveram presentes as autoridades civis da Câmara de Arenilha e demais oficialidade<sup>15</sup>, rapidamente chegamos à conclusão que os trabalhos de construção decorreram com manifesta celeridade. Tal como podemos confirmar por este documento de Sande Vasconcelos, seis dos sete quarteirões que compõem a fachada pombalina da vila já se encontravam a ser construídos em 28 de Março, sendo que o edifício da alfândega se encontrava em avançado estado de construção e o edifício das *Reaes Pescarias* já estava aparentemente concluído<sup>16</sup>.

Face às circunstâncias bem podemos questionar se as informações enviadas para Lisboa por terceiros estariam em conformidade com a realidade documentada à data por Sande Vasconcelos. Segundo a carta do Governador do Reino do Algarve ao Marquês de Pombal, de finais de Março de 1774, quer a alfândega, quer as fábricas e armazéns das *Reaes Pescarias* se encontravam quase concluídas, não tardando os quartéis a estar concluídos e seguindo a bom ritmo a câmara e as sedes das restantes sociedades<sup>17</sup>. Vemos, deste modo, que o relatório do Governador do Reino do Algarve apresentava alguns exageros quando comparado com o testemunho gráfico do sargento-mor de infantaria com exercício de engenheiro colocado no Reino do Algarve. Se é certo que o edifício das *Reaes Pescarias* e os quartéis se encontravam praticamente concluídos, o mesmo não podemos dizer quanto às sedes das restantes sociedades, cuja construção se encontrava numa fase manifestamente incipiente e, principalmente, o edifício da

---

<sup>15</sup> José Eduardo Horta Correia, *Vila Real de Santo António – Urbanismo e Poder na Política Pombalina*, p. 91; Marco Sousa Santos, “A Fundação de Vila Real de Santo António”, in *Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista*, p. 73.

<sup>16</sup> PT/ AMVRS/CMVRS/D1-E36-P01; Fernando Pessanha, “O sotavento algarvio na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos: os casos de VRSA e Faro”, in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLII, p. 74. Ver Fig. 1-*Fragmento do Prospecto da V.ª de S. Ant.º. d. Arenilha, tirada no dia 28. de Março, e feita no dia seguinte pelo Sargento mor Joze de Sande Vasconcellos*, de 1774.

<sup>17</sup> José Eduardo Horta Correia, *Vila Real de Santo António – Urbanismo e Poder na Política Pombalina*, p. 94.

câmara municipal, que nem sequer se encontra representado por Sande Vasconcelos<sup>18</sup>.

O segundo documento tem por título *Vista do Estaleiro* e apresenta dimensões na ordem dos 38 cm de altura por 74 cm de comprimento<sup>19</sup>. Ao contrário das outras duas *vistas*, esta não refere qualquer data de produção, apenas representando os construtores navais trabalhando nos esqueletos das embarcações<sup>20</sup>. No entanto, o terceiro documento, intitulado *Estaleiro, da V.ª de S. Ant.º de Arenilha. Tirado em 9. de Setembro, pello Sargt.º m.r Joze de Sande Vas.cos*, vem indicar que a segunda *vista* se situa cronologicamente entre 28 de Março de 1774 (data do primeiro documento) e 9 de Setembro de 1774 (data do terceiro documento). Aliás, esta interpretação ganha ainda mais consistência se tivermos em consideração que a terceira *vista* já apresenta as embarcações construídas e não apenas os seus esqueletos, tal como acontece no segundo documento<sup>21</sup>.

Com dimensões na ordem dos 38 cm de altura por 152 cm de comprimento, este documento revela ainda informações particularmente interessantes, nomeadamente, o facto de o estaleiro estar dividido em quatro diferentes sectores denominados “A. Pontos de Vista”<sup>22</sup>, sendo que cada um destes sectores apresenta um conjunto de seis embarcações.

Muito mais haveria a dizer sobre estas *vistas* cujo estudo, voltamos a referir, continua praticamente inédito, apesar de presentemente se encontrarem à guarda do Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes, em Vila Real de Santo António. Concluindo, importa notar de que se trata de um conjunto de documentos numerados cujo discurso gráfico obedece a uma lógica cronológica e geográfica (organizada no sentido sul – norte). Evidenciando uma notável capacidade de leitura do terreno, este conjunto documental prima pelo aturado trabalho de pormenor, consubstanciado não apenas na representação da realidade geo-morfológica, como também na representação de figuras antropomórficas, nomeadamente, no que respeita ao labor registado na edificação do casario e na construção de embarcações<sup>23</sup>. Trata-se, resumidamente, de um conjunto documental de inquestionável valor artístico, histórico e patrimonial, não só por facultar significativas informações quanto ao processo de edificação da vila pombalina, como também por

---

<sup>18</sup> Fernando Pessanha, “O sotavento algarvio na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos: os casos de VRSA e Faro”, in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLII, p. 75.

<sup>19</sup> Ver Fig. 2 - *Vista do Estaleiro*, em 1774.

<sup>20</sup> PT/ AMVRS/CMVRS/D1-E36-P01.

<sup>21</sup> Fernando Pessanha, “O sotavento algarvio na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos: os casos de VRSA e Faro”, in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLII, p. 76. Ver Fig. 3 - *Estaleiro, da V.ª de S. Ant.º de Arenilha. Tirado em 9. de Setembro, pello Sargt.º m.r Joze de Sande Vas.cos*.

<sup>22</sup> Estes diferentes sectores, denominados “A. Pontos de Vista”, aparecem discriminados com as seguintes designações: Mestre Felipe Domingues, Vicente da Costa, Joze Caetano e reaes pescarias, respectivamente.

<sup>23</sup> Fernando Pessanha, “O sotavento algarvio na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos: os casos de VRSA e Faro”, in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLII, p. 77.

se encontrar entre os mais antigos documentos conhecidos da autoria de José de Sande Vasconcelos<sup>24</sup>.

Se seguirmos a documentação cartográfica deste engenheiro militar tendo em consideração o critério cronológico, rapidamente nos apercebemos que no mês de Outubro de 1774, ou seja, no mês que se seguiu à produção da terceira *vista*, foi executada a planta/relatório que nos indica o estado de construção da vila, já publicada em anteriores trabalhos<sup>25</sup>. Tal como no supracitado documento de 28 de Março, também nesta planta apenas se encontram representados seis dos sete quarteirões que compõem a fachada pombalina. Porém, e apesar de ainda não se encontrar construído o torreão norte, toda a restante planta revela a identidade dos “homens ricos do Algarve” convidados a financiar a edificação das habitações térreas que compunham o resto do tecido urbano. Note-se, ainda assim, que muitos dos edificantes designados ainda não tinham dado início à construção do casario e que, em alguns casos, os loteamentos ainda não estavam definitivamente atribuídos. Seja como for, Sande Vasconcelos aporta neste documento outras novidades, nomeadamente, a conclusão de vários edifícios públicos. Se é certo que a alfândega e os aquartelamentos militares<sup>26</sup> se encontravam quase concluídos na *vista* de 28 de Março<sup>27</sup>, o mesmo não acontece em relação ao quarteirão onde havia de funcionar “a Câmara, Cadeia, Casas do Governo, Celleiro”<sup>28</sup>, que já encontramos representados nesta planta/relatório de Outubro de 1774<sup>29</sup>.

Se continuarmos a seguir a produção cartográfica de Sande Vasconcelos ao abrigo do mesmo critério cronológico, deparamo-nos, desde logo, com as cartas topográficas dos termos de Santo António de Arenilha e de Cacela, realizadas em 1775, nomeadamente, a *Carta Topographica das terras incultas, salgados e sapaes do termo da V.ª de S.An.to d' Arenilha...*<sup>30</sup> e a *Carta Topographica dos baldios, e*

---

<sup>24</sup> Este conjunto de *vistas* não se encontra referido no inventário das obras de Sande Vasconcelos elaborado por Francisco António Dias Brabo. Veja-se o supracitado quadro em Francisco António Dias Brabo, “José de Sande Vasconcelos: engenheiro militar e cartógrafo no Algarve nos finais do séc. XVIII”, in *Stilus*, Nº 6-7, pp. 153-154.

<sup>25</sup> Veja-se, a título de exemplo, José Eduardo Horta Correia, *Vila Real de Santo António – Urbanismo e Poder na Política Pombalina*, p. 475; Hugo Cavaco, *Vila Real de Santo António – Reflexos do passado em retratos do presente (contributos para o estudo da história vila-realense)*, p. 25; Rui Figueiras, *Vila Pombalina – Vila Real de Santo António*, p. 33; Marco Sousa Santos, “A Fundação de Vila Real de Santo António”, in *Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista*, p. 76; Fernando Pessanha, *Os 500 anos da Fundação de Arenilha*, p. 81. Ver Fig. 4 - Planta da Vila de Santo António de Arenilha, Outubro de 1774.

<sup>26</sup> Como Andreia Fidalgo bem observou, “a edificação do quartel antecedeu a das casas térreas, o que permite salientar a importância e influência da arquitectura militar na arquitectura e urbanismo pombalinos”. Ver Andreia Fidalgo, “Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista”, in *Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista*, p. 135.

<sup>27</sup> PT/AMVRS/CMVRS/D1-E36-P01.

<sup>28</sup> PT/AMVRS/CMVRS/1221.

<sup>29</sup> Fernando Pessanha, “O sotavento algarvio na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos: os casos de VRSA e Faro”, in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLII, p. 78. Ver Fig. 5 – Pormenor da Planta da Vila de Santo António de Arenilha, de Outubro de 1774.

<sup>30</sup> *Carta Topographica das terras incultas, salgados e sapaes do termo da V.ª de S.An.to d' Arenilha, mandada tirar por Ordem d' Il.mo E. Ex.mo Senhor Dom Joze Francisco da Costa, e Sousa, armador mor de sua Mag.e G.or e*

*terras incultas do termo da villa de Casella...*<sup>31</sup>, à guarda do Instituto Geográfico Português. Ainda que estes documentos tenham sido publicados em anteriores trabalhos<sup>32</sup>, torna-se pertinente referenciá-los no presente artigo, na medida em que estas cartas se destacam não apenas como testemunhos que aportam interessantes informações quanto à geo-estratégia militar e aos sistemas defensivos do extremo sotavento algarvio<sup>33</sup>. De facto, estas cartas topográficas de Arenilha e de Cacela revelam ser documentos extremamente completos e que facultam informações minuciosas não só de natureza geográfica e topográfica, como também da realidade hidrográfica, estatística, corográfica e económica, o que levou o próprio Sande Vasconcelos, numa fase já tardia da sua vida, a destacá-los no conjunto das suas obras mais importantes<sup>34</sup>. É nesse sentido que se torna igualmente pertinente a alusão à *Explicação da Carta Topographica do Termo da V.ª de S. Ant.º de Arenilha*, à guarda do Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes<sup>35</sup>, e cujo conteúdo foi transcrito e publicado por Hugo Cavaco, em 2007<sup>36</sup>.

Para além das já referidas *vistas*, da *Planta da Vila de Santo António de Arenilha* e da *Explicação da Carta Topographica do Termo da V.ª de S. Ant.º de Arenilha*, a cartografia de Sande Vasconcelos à guarda no Arquivo Histórico Municipal de Vila Real de Santo António conta ainda com um conjunto de documentos do maior interesse, frequentemente denominados “manobras militares”. Porém, e ainda que estes documentos tenham sido anteriormente publicados por autores como José Eduardo Horta Correia<sup>37</sup>, o seu estudo permanece praticamente inédito, o que representa uma grave lacuna no que respeita ao conhecimento da obra deste engenheiro militar. Tal como o dissemos a propósito das *vistas*, não é

---

*Cap.m General de este Reyno do Algarve pello Sarg.to m.r Joze de Sande Vas.cos e desenhada pello mesmo. Anno de 1775. I.G.P., Catálogo de Cartografia Antiga, Nº 259.*

<sup>31</sup> *Carta Topographica dos baldios, e terras incultas do termo da villa de Casella, aonde se declarao os nomes dos seos senhorios, os moios de terra que tem, o que pôdem levar em sementeira, o que pôdem produzir, e o custo que farão para se reduzirem a cultura, mandada tirar por Ordem do Ill.mo E. Ex.mo Senhor Dom Joze Francisco da Costa, e Sousa, armador mor de sua Mag.e G.or e Cap.am G.nal. de este Reyno d' Algarve, pello Sarg.to mor Jozé de Sande Vas.cos e desenhada pello mesmo Sar.to mr. Anno de 1775. I.G.P., Catálogo de Cartografia Antiga, Nº 261.*

<sup>32</sup> No caso da *Carta Topographica das terras incultas, salgados e sapaes do termo da V.ª de S.An.to d' Arenilha...* vejam-se, a título de exemplo, José Eduardo Horta Correia, *Vila Real de Santo António – Urbanismo e Poder na Política Pombalina*, p. 477; Hugo Cavaco, *Pelas praias de Arenilha e mares de Monte Gordo*, p. 62. No caso de *Carta Topographica dos baldios, e terras incultas do termo da villa de Casella...* vejam-se, também a título de exemplo, Cristina Garcia, *Cacela, terra de levante – Memórias da paisagem algarvia*, p. 34; Manuel Rato, “O eborense José de Sande Vasconcelos: Engenheiro militar e cartógrafo do Algarve dos finais do século XVIII”, in *Boletim do Arquivo Distrital de Évora*, Nº 4, p. 89.

<sup>33</sup> Fernando Pessanha, “As baterias costeiras de Vila Real de Santo António na cartografia militar setecentista”, in *Jornadas de Historia de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XXII, pp. 162-163.

<sup>34</sup> Francisco António Dias Brabo, “José de Sande Vasconcelos: engenheiro militar e cartógrafo no Algarve nos finais do séc. XVIII”, in *Stilus*, Nº 6-7, p. 150.

<sup>35</sup> *Explicação da Carta Topographica do Termo da V.ª de S. Ant.º de Arenilha...* PT/AMVRS/640-643. Sobre a *Explicação da carta topográfica do termo da v.a de Cacella...* veja-se Biblioteca Digital do Exército, 3860-2-18A-110.

<sup>36</sup> Hugo Cavaco, *Pelas praias de Arenilha e mares de Monte Gordo*, p. 62. Ver Figs. 6 e 7 *Explicação da Carta Topographica do Termo da V.ª de S. Ant.º de Arenilha*, em 1775.

<sup>37</sup> José Eduardo Horta Correia, *Vila Real de Santo António – Urbanismo e Poder na Política Pombalina*, pp. 478-480.

intenção do presente trabalho fazer uma análise da cartografia relativa a estas “manobras militares”, que apenas foram brevemente comentadas em “Celebrações Barrocas na Cartografia de José de Sande Vasconcelos”<sup>38</sup> e um pouco mais desenvolvidas em “O sotavento algarvio na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos: os casos de VRSA e Faro”<sup>39</sup>. Mais uma vez, muito dificilmente os condicionalismos inerentes à redação de um artigo desta natureza o permitiriam, já que a análise, interpretação e problematização dos dados facultados por este conjunto documental poderia, perfeitamente, dar origem a uma tese académica.

De modo geral, podemos afirmar que as “manobras militares” constituem um conjunto de cinco plantas mandadas executar pelo Governador General do Reino do Algarve, D. José Francisco da Costa e Sousa, e que registam as movimentações das armas de artilharia, cavalaria e infantaria realizadas aquando da inauguração de Vila Real de Santo António, em 13, 14 e 15 de Maio de 1776. Manobras militares, aliás, referidas na *Exposição das festividades celebradas na reedificada Villa Real de Santo António...*<sup>40</sup> e por Damião António de Lemos Faria e Castro, testemunha presencial que não se absteve de manifestar a sua hostilidade em relação à edificação da vila pombalina no último volume da *Historia Geral de Portugal e suas Conquistas*<sup>41</sup>. Com efeito, a carta do próprio Armador Mor para o Marquês de Pombal de 30 de Maio de 1776 revela que a produção destas plantas, ordenadas ao sargento-mor José de Sande Vasconcelos, teve como objetivo relatar ao rei D. José I e ao seu ministro, Sebastião José Carvalho e Melo, como decorreram as festividades. De resto, até a escolha da data para o início das

---

<sup>38</sup> Daniela Pereira, “Celebrações Barrocas na Cartografia de José de Sande Vasconcelos”, in *Dibujar y pintar el mundo: Arte, cartografía y política*, p. 157.

<sup>39</sup> Fernando Pessanha, “O sotavento algarvio na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos: os casos de VRSA e Faro”, in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLII, pp. 81-86.

<sup>40</sup> *Exposição das festividades, celebradas na reedificada Villa Real de Santo Antonio no mez de Maio do presente anno de 1776 em obséquio de se fazer publico o magnifico obelisco, que para perpetua memória dos beneficios, que tem recebido de elrey nosso senhor, levantaram na formosa praça Real della os seus onze primeiros edificantes. Junta-se o sermão, que se pregou na regia igreja matriz de Santa Maria, na trasladação do santissimo sacramento para ella. Pelo R. D.or Vicente Alexandre de Tovar, conego reitor da cathedral de Faro, e o elogio que na academia do dia 13 do dito mez, em que cumpre anos o illustrissimo, e excellentissimo senhor Marquez de Pombal, recitou o doutor Manoel Coelho de Carvalho, juiz de fora da cidade Faro*, Lisboa, Na regia officina typografica, MDCCLXXVI.

<sup>41</sup> O supracitado volume da *Historia Geral de Portugal e suas Conquistas* foi recusado pela censura em 1787, tendo apenas subsistido como manuscrito. São nos capítulos I e II do Livro III que constatarmos o testemunho de Faria e Castro sobre as festividades da fundação de Vila Real de Santo António. Tal como defendemos em anterior publicação, a hostilidade de Faria e Castro em relação à edificação de Vila Real de Santo António “*nos areais do Guadiana para fazer frente a Ayamonte*”, prende-se com o afeto que este autor desenvolveu por aquela cidade espanhola quando nela esteve exilado, entre 1749 e 1750. Ver Fernando Pessanha, “Damião António de Lemos Faria e Castro – Um fidalgo algarvio refugiado em Ayamonte”, in *Subsidios para a História do Baixo Guadiana e dos Algarves Daquém e Dalém-mar*, pp. 69-70. Sobre Faria e Castro veja-se António Rosa Mendes, *Cultura e Política no Algarve Setecentista. Damião Faria e Castro (1715-1789)*, 2007. Do mesmo autor ver ainda “Um escritor algarvio do século XVIII em Ayamonte: Damião António de Lemos Faria e Castro”, in *Jornadas de História de Ayamonte*, Vol. XI, pp. 79-86.

mesmas não foi casual, uma vez que estas arrancaram no dia 13 de Maio, dia em que o Marquês de Pombal “cumpriu seus felicíssimos anos com aplauso universal”<sup>42</sup>.

O primeiro documento, com dimensões na ordem dos 52 cm de altura por 105.5 cm de comprimento, tem por título *Por Ordem do Illm.º e Ex.º Snr G.nal Deste Reyno Mappa das Pessoas distintas que assistirão na V.ª Real, em os dias 13, 14, e 15 de Maio de 1776. Feito pelo Sargt.º mr.Engenr.º Jozé de Sande Vascoc*<sup>43</sup>. Tal como o título indica, trata-se de um relatório onde se encontra discriminada a elite algarvia, (alguma alentejana e andaluza) convidada a instalar-se na recém-edificada vila régia, de modo a assistirem às festividades da fundação, tal como refere a *Exposição das festividades celebradas na reedificada Villa Real de Santo António...*:

Concorreo todo o Estado Ecclesiastico, Civil, Militar, e Político, e toda a Nobreza de hum, e outro fexo do Reino do Algarve, muitas do Campo de Ourique, e Alentejo, e das Cidades e Villas vizinhas, da Andaluzia, e immenso povo inferior, Portuguez e Hespanhol<sup>44</sup>.

Na sua carta, Sande Vasconcelos não só apresenta a planta geral da vila com as suas casas e a identificação dos respectivos proprietários, como também discrimina onde ficaram hospedados os cerca de trezentos convidados, acomodados hierarquicamente no tecido urbano da vila, sendo que o centro de importância recaía na Praça Real, onde naturalmente assumia principal destaque a figura mais proeminente das festividades: o Governador do Reino do Algarve<sup>45</sup>.

A planta que se segue apresenta dimensões de 49.7 cm de altura por 63 cm de comprimento e tem por título *Manobras feitas em V.ª Real de S. Ant.º debaixo das Ordens do Illm.º e Exm.º Snr G.nal De este Reyno em os dias 13.14.e.15 de Mayo de 1776. E depois desenhadas pello Sargt.º mr.Engenr.º Jozé de Sande Vascoc. Por Ordem do mesmo Snr.1ª em 13 de Mayo de Manham*. Tal como o título indica, este documento explica as movimentações realizadas pelas tropas no tecido urbano que serviu de cenário às festividades, na manhã do dia 13 de Maio. Segundo as informações facultadas pelo engenheiro militar, o Regimento de Artilharia do Algarve, “que marchou primeiro”<sup>46</sup>, tomou posição na praia em frente à alfândega voltada para Espanha, onde disparou uma “salva de 21 tiros de peça”, tendo o

---

<sup>42</sup> Carta do Armador Mor para o Marquês de Pombal de 30 de Maio de 1776 enviando-lhe as Ordens para as manobras das Festividades de 13, 14, e 15 de Maio. Documento publicado in José Eduardo Horta Correia, *Vila Real de Santo António – Urbanismo e Poder na Política Pombalina*, p. 440.

<sup>43</sup> PT/AMVRS/CMVRS/1222.

<sup>44</sup> *Exposição das festividades celebradas na reedificada Villa Real de Santo António...*, p. 10.

<sup>45</sup> Daniela Pereira, “Celebrações Barrocas na Cartografia de José de Sande Vasconcelos”, in *Dibujar y pintar el mundo: Arte, cartografía y política*, p. 156. Ver Fig. 8 - Relação das principais personagens que assistiram às manobras militares realizadas em Vila Real de Santo António nos dias 13, 14 e 15 de Maio de 1776.

<sup>46</sup> PT/AMVRS/CMVRS/1223.

Regimento de Infantaria de Faro, o Regimento de Infantaria de Lagos e a Cavalaria de Castelo Branco tomados posições na Praça Real<sup>47</sup>.

No entanto, foi “pelas 5 horas da tarde”<sup>48</sup> que teve lugar o momento alto das festividades que decorreram nesse dia, tal como podemos confirmar pelo documento, de dimensões na ordem dos 49 cm de altura por 64 cm de comprimento, intitulado *2ª em 13 de Mayo de tarde quando se descobrio a Coroa Regia do Oblisco*<sup>49</sup>. De resto, e tal como registado no documento anterior, também na parte da tarde toda a tropa tomou posições na Praça Real, à excepção o Regimento de Artilharia do Algarve, que se posicionou na praia em frente à alfândega “para dar a salva quando se descubrice a Coroa Regia do Oblisco”<sup>50</sup>. Refira-se que, de acordo com a *Exposição das festividades celebradas na reedificada Villa Real de Santo António...*, este foi o momento de maior solenidade, sendo que o confronto entre esta fonte, o testemunho de Damião António de Lemos Faria e Castro e a carta de Sande Vasconcelos permite-nos reconstituir uma coreografia de movimentos aparentemente estudados e previamente ensaiados, isto é: formadas as tropas na Praça Real, apareceu à janela o “Illuftriflino, e Excellentiflino Senhor General”<sup>51</sup>, para de seguida ser descoberta a “Coroa Regia do Oblisco”<sup>52</sup> e a inscrição, enquanto eram disparadas “descargas da artilharia e fuzilaria”<sup>53</sup> e música de “instrumentos bellicos”<sup>54</sup> tocava alternadamente<sup>55</sup>.

O terceiro deste conjunto de documentos apresenta 48.5 cm de altura por 63.7 cm de comprimento e tem por título *3ª em 14 de Mayo de tarde quando se levantou o pelourinho*<sup>56</sup>, que teve lugar no largo da vila situado por detrás da igreja matriz, atualmente chamado Largo António Aleixo e tradicionalmente conhecido por Largo da Força<sup>57</sup>. Mais uma vez, se confrontarmos este documento com a *Exposição das festividades celebradas na reedificada Villa Real de Santo António...*, apercebemo-nos de que o levantamento do pelourinho foi antecedido pela formatura

---

<sup>47</sup> Fernando Pessanha, “O sotavento algarvio na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos: os casos de VRSA e Faro”, in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLII, p. 82. Ver Fig. 9 - Desenho explicativo das 1ª manobras militares executadas na manhã do dia 13 de Maio de 1776.

<sup>48</sup> *Exposição das festividades celebradas na reedificada Villa Real de Santo António...*, p. 8.

<sup>49</sup> Fernando Pessanha, “O sotavento algarvio na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos: os casos de VRSA e Faro”, in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLII, p. 83.

<sup>50</sup> PT/AMVRS/CMVRS/1224.

<sup>51</sup> *Exposição das festividades celebradas na reedificada Villa Real de Santo António...*, p. 8.

<sup>52</sup> PT/AMVRS/CMVRS/1224.

<sup>53</sup> Damião António de Lemos Faria e Castro, *Historia Geral de Portugal e suas Conquistas*, Vol. XXI, Livro III, capítulo II. Transcrito de António Rosa Mendes, “Um testemunho directo acerca da fundação de Vila Real de Santo António”, in *Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista*, p. 202.

<sup>54</sup> *Exposição das festividades celebradas na reedificada Villa Real de Santo António...*, p. 8.

<sup>55</sup> Ver Fig. 10 - Desenho explicativo das 2ª manobras militares, levadas a cabo na tarde do dia 13 de Maio de 1776, quando se descobriu a Coroa Régia que encima o Obelisco dedicado a El-Rei D. José I (actual Praça Marquês de Pombal).

<sup>56</sup> PT/AMVRS/1225.

<sup>57</sup> Fernando Pessanha, “O sotavento algarvio na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos: os casos de VRSA e Faro”, in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLII, p. 84.

das tropas na Praça Real, tendo estas marchado para o largo onde, “junta a Nobreza, e Senado da Camera, devem proceder á cerimonia de o levantar, e fazer público este indispensavel Monumento, e Padrao da Authoridade Real”<sup>58</sup>.

A quinta e última planta apresenta dimensões na ordem dos 49 cm de altura por 63.5 cm de comprimento. Com o título de *4ª em 15 de Mayo de tarde. Campo de V.ª Real*, este documento é o mais complexo a nível descritivo e onde Sande Vasconcelos terá tido maior dificuldade a nível da explicação<sup>59</sup>. De facto, diz-nos a *Exposição das festividades celebradas na reedificada Villa Real de Santo António...* que “no terceiro dia ha de Sua Excellencia o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor General ser fervido mandar fazer esta tarde lustrosa, e completa com o exercício de fogo de Infantaria, Artilheria, e Cavalleria”<sup>60</sup>, não se detendo em mais detalhes. É, portanto, esta carta de Sande Vasconcelos que permite compreender de que modo os Regimentos de Infantaria de Faro e de Lagos simularam os combates que tiveram lugar no designado “Campo de Vila Real”<sup>61</sup> e aos quais os convidados assistiram ao som de músicas e salvas de canhão do Regimento de Artilharia do Algarve<sup>62</sup>.

De acordo com Daniela Pereira, “esta sumptuosa festa, que durou três dias, virada ostensivamente para a vila de Ayamonte, em Espanha, é suficiente para suspeitarmos que se tratava de uma provocação”<sup>63</sup>. Consideramos, porém, que o conjunto dos cinco documentos que constituem as designadas “manobras militares” não dão espaço a qualquer suspeita. Pelo contrário, mostram claramente que a natureza bélica ostentada nas festividades da fundação de Vila Real de Santo António constitui uma clara afirmação política sustentada por uma manifesta encenação de poder militar<sup>64</sup>. Refira-se que a edificação de uma vila régia frente a Espanha e na desembocadura do Guadiana obedeceu a uma estratégia política, económica e territorial, que teve como um dos seus objetivos basilares o combate à evasão fiscal praticada pelos pescadores castelhanos. Situação, aliás, que remonta ao séc. XV, como podemos comprovar pelo pedido de isenção dos moradores de Castro Marim em virtude dos “constantos trabalhos que (...) tinham com os

---

<sup>58</sup> *Exposição das festividades celebradas na reedificada Villa Real de Santo António...*, p. 9. Ver Fig. 11 - Desenho explicativo das 3ª manobras militares, realizadas na tarde do dia 14 de Maio de 1776, quando se levantou o Pelourinho. (Antigo Largo da Força e actual Largo António Aleixo).

<sup>59</sup> Fernando Pessanha, “O sotavento algarvio na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos: os casos de VRSA e Faro”, in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLII, no prelo.

<sup>60</sup> *Exposição das festividades celebradas na reedificada Villa Real de Santo António...*, p. 9.

<sup>61</sup> PT/AMVRS/CMVRS/1226.

<sup>62</sup> Ver Fig. 12 - Planos e descrições das 4ª Manobras militares, executadas na tarde de 15 de Maio de 1776, e que encerraram o ciclo marcial integrado nos festejos comemorativos da Fundação da Vila Real.

<sup>63</sup> Daniela Pereira, “Celebrações Barocas na Cartografia de José de Sande Vasconcelos”, in *Dibujar y pintar el mundo: Arte, cartografía y política*, p. 157.

<sup>64</sup> Fernando Pessanha, “O sotavento algarvio na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos: os casos de VRSA e Faro”, in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLII, p. 85.

castelhanos, que insistiam em vir pescar ao reino<sup>65</sup> e que se prende com um dos motivos que levou à fundação da vila de Santo António de Arenilha<sup>66</sup>. Por outro lado, também devemos ter em consideração que o agudizar das tensões políticas entre Portugal e Espanha, que conduziu à denominada “Guerra Fantástica” de 1762, acabou por ter repercussões nas regiões de fronteira, onde se verificou um manifesto reforço militar consubstanciado no estabelecimento de novos sistemas defensivos<sup>67</sup>, como o que foi instalado no extremo sudeste algarvio<sup>68</sup>. Não será, portanto, casual o facto de o comandante das baterias de artilharia do concelho de Santo António de Arenilha<sup>69</sup>, o coronel de infantaria Francisco de Mendonça Pessanha de Mascarenhas<sup>70</sup>, ser nomeado primeiro governador da nova praça de fronteira voltada para Espanha<sup>71</sup> ou que o Governador do Reino do Algarve tenha procurado ostentar as manobras militares executadas pela Cavalaria de Castelo

<sup>65</sup> Margarida Garcez Ventura, “Os coutos de Homiziados nas fronteiras com o direito de asilo”, in *Revista da Faculdade de Letras. História*, 2ª série, Vol. 15, Nº 1, p. 608.

<sup>66</sup> Sobre a fundação da vila de Arenilha veja-se Fernando Pessanha, *Os 500 anos da Fundação de Arenilha – Memórias de uma «vileta» nascida no decurso da Expansão Portuguesa*, p. 37. Sobre a vila de Arenilha vejam-se ainda os seguintes trabalhos do mesmo autor: “V Centenario de la Fundación de Santo António de Arenilha y sus relaciones con Ayamonte”, in *Jornadas de Historia de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XVIII, pp. 77-95; “Ayamonte na Expansão Portuguesa para o Norte de África”, in *Jornadas de História de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XXI, pp. 111-179; “Ataques da pirataria à foz do Guadiana e a acção de António Leite, alcaide-mor de Arenilha”, in *Anais do Município de Faro*, Vol. XL, pp. 63-94; “Cristóvão de Mendonça, navegador no oriente e capitão de Ormuz – Um desconhecido comendador de Arenilha”, in *e-Strategica - Revista da Associação Ibérica de História Militar*, Nº2, pp. 165-203; “A Pirataria na foz do Guadiana na primeira metade do séc. XVI”, in *Jornadas de História de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XXIII, pp. 72-93; “A venda de escravos mouriscos/berberiscos em Arenilha, na foz do Guadiana. Século XVI”, in *La trata de esclavos en el Atlántico ibérico, siglos XVI-XVII*, no prelo.

<sup>67</sup> Veja-se, a título de exemplo, a *Carta de um irmão do prior de Barbacena para o conde de Lippe sobre a construção de um forte perto de Elvas*. PT/AHM/DIV/1/06/28/58.

<sup>68</sup> O documento mais antigo para o nosso conhecimento sobre o estabelecimento deste sistema defensivo no “ano da guerra” é o (*Mapa da*) *Configuração da Costa do Reyno do Algarve*, de autor desconhecido. Ver Instituto Geográfico Português, *Catálogo de Cartografia Antiga*, Nº 241. Documento publicado por Valdemar Coutinho, *Dinâmica Defensiva da Costa do Algarve – Do período islâmico ao século XVIII*, p. 75 e por Alexandre Costa & Maria da Conceição Abreu (coord.), *1755 – Terramoto no Algarve*, pp. 32-33. Ver também Fernando Pessanha, “As baterias costeiras de Vila Real de Santo António na cartografia militar setecentista”, in *Jornadas de Historia de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XXII, pp. 158-159.

<sup>69</sup> António José Pereira da Costa, *À Defesa da Vila Real (séculos XVIII e XIX). As baterias ribeirinhas de Vila Real de Santo António*, 2011; Fernando Pessanha, “As baterias costeiras de Vila Real de Santo António na cartografia militar setecentista”, in *Jornadas de Historia de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XXII, pp. 153-178.

<sup>70</sup> Veja-se, a título de exemplo, *Ofício (cópia) de Francisco de Mendonça Pessanha de Mascarenhas, governador da fortaleza da praia de Monte Gordo, para o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra sobre a transmissão das ordens dadas pelo governador de Ayamonte para que todo o português criminoso que ali se encontre regresse a Portugal, em 10 de Setembro de 1769*. PT/AHM/DIV/1/06/26/54; *Ofício de Francisco de Mendonça Pessanha de Mascarenhas, governador da fortaleza de Monte Gordo, para D. Luís da Cunha Manuel, ministro da Guerra, sobre e com as taxas alfandegárias pagas pelos caiques, em 3 de Fevereiro de 1770*. PT/AHM/DIV/1/06/14/11; *Ofício de Francisco de Mendonça Pessanha, governador da fortaleza de Monte Gordo, para D. Luís da Cunha Manuel, ministro da Guerra, sobre a necessidade de iluminar “o corpo da guarda da fortaleza” com ofício (cópia) de João Veloso Peixoto e Silva, juiz da alfândega de Tavira, entre 5 de Janeiro e 24 de Fevereiro de 1771*. PT/AHM/DIV/1/06/20/30.

<sup>71</sup> Claudio de Chaby, *Synopse dos decretos remetidos ao extinto Conselho de Guerra*, Vol. V, p. 247; Visconde de Sanches de Baena, *Archivo Heraldico-Genealogico*, p. 849.

Branco, pelos Regimentos de Infantaria de Lagos e de Faro e pelo Regimento de Artilharia do Algarve durante as festividades da inauguração.

Note-se que as “frequentes descargas de artilharia”<sup>72</sup> referidas por António Damião de Lemos Faria e Castro foram executadas pelo destacamento posicionado na praia voltada para Espanha em frente à alfândega<sup>73</sup>, edifício que simbolicamente ostentava as armas reais<sup>74</sup>. Ora, se tivermos em consideração que o destacamento do Regimento de Artilharia do Algarve deu entrada na vila pombalina com “vários canhões do seu parque”<sup>75</sup> e que cada uma das bocas de fogo disparou uma “salva de 21 tiros de peça”<sup>76</sup> na manhã do dia 13 de Maio de 1776, bem podemos concluir que as descargas de artilharia foram cirurgicamente apontadas na direção da faixa de território espanhol fronteiro à alfândega e compreendido entre a cidade de Ayamonte e a atual Isla Canela. De resto, é esta manifesta demonstração de poder de fogo que justifica o facto de Damião António de Lemos Faria e Castro utilizar no seu testemunho expressões como “descargas de artilharia que retumbavam nos horizontes próprios, e alheios” ou

vizinhos, e distantes da fronteira de Espanha, que estiveram assustadas, enquanto a nossa civilidade, e frequente passagem a Ayamonte não as desenganou, de que tanto ajuntamento militar em Vila Real era só com o fim de autorizar os festejos dos objectos do dia<sup>77</sup>.

Refira-se, por outro lado, que foi o “grosso Destacamento (...) da Artilharia” do Regimento do Algarve a ficar aquartelado na nova vila régia após as festividades, o que revela a estratégia de guarnecer Vila Real de Santo António com uma força militar preparada para abrir fogo em caso de necessidade. Aliás, outros documentos de Sande Vasconcelos, como *Mapa de toda a tropa que guarnece o R.no do Algv.*, já de 31 de Janeiro de 1788, vêm atestar que a vila pombalina se encontrava efetivamente protegida por este destacamento militar então composto por cento e

<sup>72</sup> Damião António de Lemos Faria e Castro, *Historia Geral de Portugal e suas Conquistas*, Vol. XXI, Livro III, capítulo II. Transcrito de António Rosa Mendes, “Um testemunho directo acerca da fundação de Vila Real de Santo António”, in *Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista*, p. 201.

<sup>73</sup> PT/AMVRS/CMVRS/1223.

<sup>74</sup> No dia 6 de Agosto de 1774 “o Governador e Capitão General colocou por suas próprias mãos as Armas Reais no primeiro edificio da vila, a Alfândega. Lançaram-se ao mar as 12 embarcações concluídas nos estaleiros locais e cozeu-se o pão pela primeira vez. Com as festas realizadas pretendia-se, como escrevia Alberto Luis Pereira, que os castelhanos conhecessem o nosso brio e perdessem «a sua petulância». Ver José Eduardo Horta Correia, *Vila Real de Santo António – Urbanismo e Poder na Política Pombalina*, p. 96. Ver também Andreia Fidalgo, “Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista”, in *Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista*, pp. 116 e 143.

<sup>75</sup> Damião António de Lemos Faria e Castro, *Historia Geral de Portugal e suas Conquistas*, Vol. XXI, Livro III, capítulo II. Transcrito de António Rosa Mendes, “Um testemunho directo acerca da fundação de Vila Real de Santo António”, in *Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista*, p. 201.

<sup>76</sup> PT/AMVRS/CMVRS/1223.

<sup>77</sup> Damião António de Lemos Faria e Castro, *Historia Geral de Portugal e suas Conquistas*, Vol. XXI, Livro III, capítulo II. Transcrito de António Rosa Mendes, “Um testemunho directo acerca da fundação de Vila Real de Santo António”, in *Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista*, p. 201.

oito homens (cem soldados, cinco cabos, um alferes, um segundo tenente e um primeiro tenente), doze anos após a sua fundação<sup>78</sup>. Força militar, aliás, indispensável para se repelir a pirataria que continuava a subsistir no Algarve oriental no último quartel do séc. XVIII, já que a assinatura do tratado de paz entre Portugal e Marrocos, em 11 de Janeiro 1774<sup>79</sup>, não significou a erradicação do corso berbere tal como atesta o naufrágio da fragata magrebina que deu à costa em frente à Bateria do Cabeço, em 26 de Dezembro de 1785<sup>80</sup>. De resto, a operacionalidade deste destacamento do Regimento de Artilharia do Algarve ficará bem patente aquando da vitória portuguesa no combate que teve lugar na foz do Guadiana durante a denominada Guerra das Laranjas, em 1801<sup>81</sup>.

*Grosso modo*, podemos concluir que as manobras militares representadas por Sande Vasconcelos nas festividades da fundação de Vila Real de Santo António atestam que a presença das tropas não teve uma função meramente decorativa, mas antes demonstrar aos convidados e aos vizinhos do outro lado da fronteira o poder e a disciplina de que o exército português foi dotado após a reorganização levada a cabo pelo Conde de Lippe<sup>82</sup>. De facto, e apesar da intenção destes documentos passar por relatar ao rei D. José I e ao seu ministro a natureza dos desfiles nas festas de inauguração, é a “destreza, e disciplina”<sup>83</sup> da organização militar do então Capitão General do Reino do Algarve, D. José Francisco da Costa e Sousa, que acaba por se evidenciar, o que indica que as manobras militares documentadas por Sande Vasconcelos, referidas por *Exposição das festividades celebradas na reedificada Villa Real de Santo António...*, e testemunhadas por

<sup>78</sup> B.N.P., C.PAR.113,CF03.

<sup>79</sup> Fernando de Castro Brandão, “O Tratado de Paz entre Portugal e Marrocos de 1774”, in *Revista Camões*, Nº17/18, pp. 26-41. Ver também Othman Mansouri, “Marrocos e Portugal após o Tratado de 1774 – Triunfo da paz e da cooperação”, in *Revista Camões*, Nº17/18, pp. 96-109.

<sup>80</sup> Jorge Afonso, “O naufrágio da fragata Tigre do imperador de Marrocos em Dezembro de 1785. As relações com Marrocos e a sua posterior inserção no espaço magrebino”, in *Portugal e o Magrebe – Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, pp. 334-343. Note-se, igualmente, que a centúria setecentista também regista barcos corsários fundeados em Vila Real de Santo António. Veja-se, a título de exemplo, *Ofícios do monteiro-mor do Reino, governador das armas do Algarve, para D. Rodrigo de Sousa Coutinho sobre embarcações espanholas suspeitas enviadas para o porto de Faro, ordem de revistar todos os barcos espanhóis que cruzam a costa e relação de objectos roubados, pela guarnição de uma barca espanhola ao corsário “Andorinha” fundeado em Vila Real de Santo António*. PT/AHM/DIV/1/11/08/15.

<sup>81</sup> José Paulo Ribeiro Berger, “Las operaciones militares de la Guerra de las Naranjas en la desembocadura del Guadiana”, in *Jornadas de Historia de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XVI, pp. 105-133; Fernando Pessanha, “Castro Marim e Vila Real de Santo António durante a Guerra das Laranjas no Baixo Guadiana”, in *Subsídios para a História do Baixo Guadiana e dos Algarves Daquém e Dalém-mar*, pp. 110-111. Veja-se também “Memória do acontecido no ataque de 8 de Junho de 1801 pelos Espanhóis contra as duas baterias da praça de Vila Real de Santo António”, referido por José Lopes de Sousa, governador da praça. PT/AHM/DIV/4/1/05/15.

<sup>82</sup> Sobre o Conde de Lippe veja-se Fernando Dores Costa, “A Guerra no tempo de Lippe e de Pombal”, in *História Militar de Portugal*, Vol. 2, pp. 331-350; Pedro de Brito, “Os Regulamentos do Conde de Lippe”, in *Libros Relege, Volve, Lege – O livro antigo da Biblioteca do Exército*, pp. 245-260; Miguel Freire, “Um olhar actual sobre a «transformação» do Conde de Lippe”, in *Nação e Defesa*, Nº 112, pp. 137-166.

<sup>83</sup> Damião António de Lemos Faria e Castro, *Historia Geral de Portugal e suas Conquistas*, Vol. XXI, Livro III, capítulo II. Transcrito de António Rosa Mendes, “Um testemunho directo acerca da fundação de Vila Real de Santo António”, in *Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista*, p. 201.

Damião António de Lemos Faria e Castro apresentam-se como prova da operacionalidade militar do Reino do Algarve aquando do governo deste Capitão General<sup>84</sup>. De resto, o parecer escrito pelo punho de D. José Francisco da Costa e Sousa sobre o autor destes documentos cartográficos, no ano que se seguiu à fundação da vila pombalina, é bem representativo do respeito do Capitão General pelo trabalho deste engenheiro militar:

Satisfazendo à ordem de sua majestade, que Vossa Excelência me participou, para eu informar com o meu parecer (acerca do conteúdo da petição junta, do Sargento-Mor Engenheiro José de Sande Vasconcelos, o que me oferece dizer é o seguinte: Este oficial é muito inteligente na sua profissão e pronto, incansável e desejoso de ocupar-se. Tem desempenhado com zelo, com actividade e com acerto muitas deligências do Real Serviço de que foi encarregado por mim em todo o decurso do meu governo do Algarve até ao presente. Por todos estes princípios, e por ter bastantes anos de serviço, haver ido a Mazagão, incluído no socorro daquela Praça, e terem-se adiantado em postos muitos dos seus camaradas, se faz o suplicante, segundo entendo, acreedor de que a Real piedade e grandeza de Sua Majestade o promova ao posto de Tenente-Coronel<sup>85</sup>.

Refira-se que o contentamento manifestado pelo Capitão General do Reino do Algarve, D. José Francisco da Costa e Sousa, acerca do desempenho de Sande Vasconcelos, já lhe deixava antever um futuro altamente promissor a nível da produção cartográfica. E, efetivamente, esse futuro auspicioso foi manifestamente cumprido, nomeadamente, ao tornar-se lente na Aula do Regimento de Infantaria de Faro, com quartel em Tavira<sup>86</sup>, vinte anos depois de ter passado pela experiência cartográfica adquirida em Vila Real de Santo António, onde aprimorou os conhecimentos técnicos e científicos apreendidos durante a sua formação na Academia Militar da Corte.

Muito mais haveria a dizer sobre estes documentos cujo estudo, voltamos a referir, continua inédito, apesar de se encontrarem à guarda do Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes, em Vila Real de Santo António. De resto, a demais cartografia de Sande Vasconcelos relativa à vila iluminista, produzida entre os

---

<sup>84</sup> Fernando Pessanha, "O sotavento algarvio na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos: os casos de VRSA e Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLII, p. 88.

<sup>85</sup> Carta de D. José Francisco da Costa e Sousa, Governador e Capitão-General do Reino do Algarve, a Aires de Sá e Melo, em 21 de Julho de 1777. Fragmento transcrito de Carlos Pereira Callixto, "Apontamentos para a História das Fortificações do Reino do Algarve - O mapa das Fortificações do Algarve Desenhado por José de Sande Vasconcelos", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XII, p. 306.

<sup>86</sup> São vários os documentos que referem Sande Vasconcelos como lente na Aula do Regimento de Infantaria de Faro, com quartel em Tavira. Veja-se, a título de exemplo, *Processo referente aos "Estatutos da Aula Militar do Regimento de Infantaria de Tavira"*, assinado pelo brigadeiro José de Sande Vasconcelos. PT/AHM/DIV/3/05/05/27/04.

inícios da edificação, em 1774, e as festividades da fundação, em 1776, pode ser consultada noutras publicações e noutros arquivos nacionais. Tal é o caso de *Prospecto de hum lado da Praça Real da V.<sup>a</sup> de S. Antonio d' Arenilha, pello Sarg.to m.r Joze d' Sande Vas.coc*, cuja origem desconhecemos, ainda que já tenha sido alvo de publicação<sup>87</sup> ou de um conjunto de documentos à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal, como *Propriedades q' possui a família dos Souzas e Mellos e q' formão huma parte da Villa Real de S.to Antonio do Algarve*<sup>88</sup>, *Propriedades que possui a família dos Souzas e Melos e que formam uma parte da Vila Real de Santo António do Algarve*<sup>89</sup> ou *Parte da Villa Real de S.to An.to, para se mostrarem os prospectos das Cazas, dos Snr.es João de Souza e Mello, e loze de Souza e Mello*<sup>90</sup>. Do mesmo modo, também a *Explicação da carta topográfica do termo da v.a de Cacella* se encontra à guarda da Biblioteca Digital do Exército<sup>91</sup>, sendo que os outros documentos deste engenheiro militar relativos a Vila Real de Santo António e ao seu concelho já foram produzidos em datas posteriores à balizagem cronológica determinada para este trabalho.

### Considerações finais

Não podemos concluir o presente artigo sem antes recapitularmos, em traços gerais, algumas das ideias anteriormente apresentadas. Parece evidente que, apesar de Sande Vasconcelos ter produzido vários trabalhos cartográficos entre o término da sua formação na Academia Militar da Corte e o início da construção de Vila Real de Santo António, foi exatamente na vila iluminista que este engenheiro militar colocou à prova muita da sua preparação técnica e científica, tal como comprova a qualidade e a quantidade das produções relativas a Vila Real de Santo António: aproximadamente vinte trabalhos em apenas dois anos, entre 1774 e 1776. Refira-se que entre estes vinte documentos encontram-se o conjunto de três *vistas*, adquiridas pela Direção Regional de Cultura do Algarve, e o conjunto das cinco plantas que constituem as designadas “manobras militares” - património documental, sublinhe-se, cujo estudo permanece praticamente inédito e à guarda do Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes/VRSA, juntamente com outras cartas originais do mesmo engenheiro militar, como a *Planta da Vila de Santo António de Arenilha*, de Outubro de 1774, ou a *Explicação da Carta Topographica do Termo da V.<sup>a</sup> de S. Ant<sup>o</sup>. de Arenilha*, de 1775. Os restantes trabalhos de Sande Vasconcelos produzidos entre 1774 e 1776 e relativos a Vila Real de Santo António podem ser

---

<sup>87</sup> Rui Figueiras, *Vila Pombalina – Vila Real de Santo António*, p. 63 e Andreia Fidalgo, “Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista”, in *Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista*, p. 127.

<sup>88</sup> B.N.P., E. 677 P.

<sup>89</sup> B.N.P., E. 678 P.

<sup>90</sup> B.N.P., E. 679 P.

<sup>91</sup> Biblioteca Digital do Exército, 3860-2-18A-110.

consultados noutras publicações e, principalmente, na Biblioteca Nacional de Portugal, Instituto Geográfico Português, Biblioteca do Exército, etc.

Dadas as circunstâncias, bem podemos concluir que Vila Real de Santo António funcionou como uma “escola prática” onde este engenheiro militar consolidou a formação técnica e científica obtida na Academia Militar da Corte e onde produziu considerável volume de trabalhos que não só facultam as tradicionais informações de natureza geográfica, topográfica, hidrográfica, estatística, corográfica e económica verificável em meritórios trabalhos, como as cartas topográficas dos termos de Arenilha e de Cacela, de 1775. De facto, quer o conjunto de *vistas*, de 1774, quer as designadas “manobras militares”, de 1776, constituem trabalhos de grande interesse artístico e onde o desenho cartográfico assume manifesta importância no momento de ilustrar, narrar ou mesmo visitar temáticas menos frequentes no universo da cartografia militar do séc. XVIII.

## Fontes Manuscritas

### Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes/VRSA

PT/AMVRS/CMVRS/D1-E36-P01;  
PT/AMVRS/CMVRS/1221;  
PT/AMVRS/CMVRS/1222;  
PT/AMVRS/CMVRS/1223;  
PT/AMVRS/CMVRS/1224;  
PT/AMVRS/CMVRS/1225;  
PT/AMVRS/CMVRS/1226;  
PT/AMVRS/CMVRS/640-643.

### Biblioteca Nacional de Portugal

C. Par.113,CFO3;  
E. 677 P;  
E. 678 P;  
E. 679 P.

### Biblioteca Digital do Exército

114/II-2A-26A-38;  
2411-2-21-30;  
2412-2-21-30;  
3860-2-18A-110.

### Arquivo Histórico Militar

PT/AHM/DIV/1/06/14/11;  
PT/AHM/DIV/1/06/20/30;  
PT/AHM/DIV/1/06/26/54;  
PT/AHM/DIV/1/06/28/58;  
PT/AHM/DIV/1/11/08/15;  
PT/AHM/DIV/3/05/05/27/04;  
PT/AHM/DIV/4/1/02/14;  
PT/AHM/DIV/4/1/05/15.

### Instituto Geográfico Português

Catálogo de Cartografia Antiga: N° 241; N° 259; N° 261.

## Fontes Impressas

BAENA, Visconde de Sanches de, *Archivo Heraldico-Genealogico*, Lisboa, Typhographia Universal, 1872.

CHABY, Claudio de, *Synopse dos decretos remetidos ao extinto Conselho de Guerra*, Vol. V, Lisboa, Imprensa Nacional, 1878.

*Exposição das festividades, celebradas na reedificada Villa Real de Santo Antonio no mez de Maio do presente anno de 1776 em obséquo de se fazer publico o magnifico obelisco, que para perpetua memória dos beneficios, que tem recebido de elrey nosso senhor, levantaram na formosa praça Real della os seus onze primeiros edificantes. Junta-se o sermão, que se pregou na regia igreja matriz de*

*Santa Maria, na trasladação do santíssimo sacramento para ella. Pelo R. D.or Vicente Alexandre de Tovar, conego reitor da cathedral de Faro, e o elogio que na academia do dia 13 do dito mez, em que cumpre anos o illustrissimo, e excellentissimo senhor Marquez de Pombal, recitou o doutor Manoel Coelho de Carvalho, juiz de fora da cidade de Faro, Lisboa, Na regia officina typografica, MDCCLXXVI.*

## Bibliografia

AFONSO, Jorge, "O naufrágio da fragata Tigre do imperador de Marrocos em Dezembro de 1785. As relações com Marrocos e a sua posterior inserção no espaço magrebino", in *Portugal e o Magrebe – Actas do 4º Colóquio de História Luso-Marroquina*, CHAM/CITCEM, Lisboa/Braga, 2011, pp. 334-343.

AMARAL, Augusto Ferreira do, *Mazagão - A Epopeia Portuguesa em Marrocos*, Lisboa, Tribuna da História, 2007.

BARRENTO, António, *Guerra Fantástica 1762. Portugal, o Conde de Lippe e a Guerra dos Sete Anos*, Lisboa, Tribuna da História, 2006.

BERGER, José Paulo Ribeiro, "Las operaciones militares de la Guerra de las Naranjas en la desembocadura del Guadiana", in *XVI Jornadas de Historia de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Ayamonte, Ayuntamiento de Ayamonte, 2012, pp. 105-133.

BRANDÃO, Fernando de Castro, "O Tratado de Paz entre Portugal e Marrocos de 1774", in *Revista Camões*, Nº17/18, Lisboa, 2004, pp. 26-41.

BRITO, Pedro de, "Os Regulamentos do Conde de Lippe", in *Libros Relege, Volve, Lege – O livro antigo da Biblioteca do Exército*, Lisboa, Biblioteca do Exército, 2018, pp. 245-260.

BRABO, Francisco António Dias, "José de Sande Vasconcelos: engenheiro militar e cartógrafo no Algarve nos finais do séc. XVIII", in *Stilus*, Nº 6-7, Jan.-Dez., 2004, pp. 145-176.

CALLIXTO, Carlos Pereira, "Apontamentos para a História das Fortificações do Reino do Algarve - O mapa das Fortificações do Algarve Desenhado por José de Sande Vasconcelos", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XII, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1983, pp. 295-324.

CAVACO, Hugo, *Vila Real de Santo António – Reflexos do passado em retratos do presente (contributos para o estudo da história vila-realense)*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 1997.

CAVACO, Hugo, *Pelas praias de Arenilha e mares de Monte Gordo*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 2007.

CORREIA, José Eduardo Horta, *Vila Real de Santo António – Urbanismo e Poder na Política Pombalina*, Porto, Faup Publicações, 1997.

CORREIA, José Eduardo Horta, *O Algarve em Património*, Olhão, Gente Singular Editora, 2010.

COSTA, Alexandre & ABREU, Maria da Conceição (coord.), *1755 – Terramoto no Algarve*, Faro, Centro de Ciência Viva do Algarve, 2005.

COSTA, António José Pereira da, *À Defesa da Vila Real (séculos XVIII e XIX). As baterias ribeirinhas de Vila Real de Santo António*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 2011.

- COSTA, Fernando Dores, "A Guerra no tempo de Lippe e de Pombal", in *História Militar de Portugal*, Vol. 2, (Dir.) Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, Lisboa, Circulo de Leitores, 2004, pp. 331-350.
- COUTINHO, Valdemar, *Dinâmica Defensiva da Costa do Algarve – Do período islâmico ao século XVIII*, Portimão, Instituto de Cultura Ibero-Atlântica, 2001.
- FIDALGO, Andreia, "Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista", in *Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista*, (coord.) António Rosa Mendes, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 2010, pp. 100-149.
- FIGUEIRAS, Rui, *Vila Pombalina – Vila Real de Santo António*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 1999.
- FREIRE, Miguel, "Um olhar actual sobre a «transformação» do Conde de Lippe", in *Nação e Defesa*, N° 112, 3ª série, 2005, pp. 137-166.
- GARCIA, Cristina, *Cacela, terra de levante – Memórias da paisagem algarvia*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António / Campo Arqueológico de Mértola, 2008.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 27, Lisboa, Editorial Enciclopédia, s.d.
- MANSOURI, Othman, "Marrocos e Portugal após o Tratado de 1774 – Triunfo da paz e da cooperação", in *Revista Camões*, N°17/18, Lisboa, 2004, pp. 96-109.
- MENDES, António Rosa Mendes, *Cultura e Política no Algarve Setecentista. Damião Faria e Castro (1715-1789)*, Olhão, Gente Singular Editora, 2007.
- MENDES, António Rosa Mendes, "Um escritor algarvio do século XVIII em Ayamonte: Damião António de Lemos Faria e Castro", in *Jornadas de História de Ayamonte*, Vol. XI, Ayamonte, Ayuntamiento de Ayamonte, 2007, pp. 79-86.
- MENDES, António Rosa Mendes, "Um testemunho directo acerca da fundação de Vila Real de Santo António", in *Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista*, (coord.) António Rosa Mendes, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, pp. 197-202.
- PEREIRA, Daniela, "Celebrações Barrocas na Cartografia de José de Sande Vasconcelos", in *Dibujar y pintar el mundo: Arte, cartografía y política*, Universidad de los Andes, 2014, pp. 155-160.
- PESSANHA, Fernando, *Os 500 anos da Fundação de Arenilha – Memórias de uma «vileta» nascida no decurso da Expansão Portuguesa*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 2014;
- PESSANHA, Fernando, "Damião António de Lemos Faria e Castro – Um fidalgo algarvio refugiado em Ayamonte", in *Subsídios para a História do Baixo Guadiana e dos Algarves Daquém e Dalém-mar*, Olhão, Edições Mandil, 2014, pp. 69-71.
- PESSANHA, Fernando, "Castro Marim e Vila Real de Santo António durante a Guerra das Laranjas no Baixo Guadiana", in *Subsídios para a História do Baixo Guadiana e dos Algarves Daquém e Dalém-mar*, Olhão, Edições Mandil, 2014, pp. 110-111.
- PESSANHA, Fernando, "V Centenario de la Fundación de Santo António de Arenilha y sus relaciones con Ayamonte", in *Jornadas de Historia de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XVIII, Ayamonte, Ayuntamiento de Ayamonte / Área de Cultura, 2014, pp. 77-95.

PESSANHA, Fernando, "Ayamonte na Expansão Portuguesa para o Norte de África", in *Jornadas de História de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XXI, Ayamonte, Ayuntamiento de Ayamonte / Área de Cultura, 2017, pp. 111-179.

PESSANHA, Fernando, "Ataques da pirataria à foz do Guadiana e a acção de António Leite, alcaide-mor de Arenilha", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XL, Faro, Câmara Municipal de Faro, 2018, pp. 71-102.

PESSANHA, Fernando, "Cristóvão de Mendonça, navegador no oriente e capitão de Ormuz – Um desconhecido comendador de Arenilha", in *e-Strategica - Revista da Associação Ibérica de História Militar*, Nº2, Chernache, Dezembro de 2018, pp. 165-203.

PESSANHA, Fernando, "As baterias costeiras de Vila Real de Santo António na cartografia militar setecentista", in *Jornadas de Historia de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XXII, Ayamonte, Ayuntamiento de Ayamonte / Área de Cultura, 2018, pp. 153-178.

PESSANHA, Fernando, "A Pirataria na foz do Guadiana na primeira metade do séc. XVI", in *Jornadas de Historia de la muy noble y leal ciudad de Ayamonte*, Vol. XXIII, Ayamonte, Ayuntamiento de Ayamonte / Área de Cultura, 2019, pp. 72-93.

PESSANHA, Fernando, "A venda de escravos mouriscos/berberiscos em Arenilha, na foz do Guadiana. Século XVI", in *La trata de esclavos en el Atlántico ibérico, siglos XVI-XVII*, Sevilla, Universidad de Sevilla, no prelo.

PESSANHA, Fernando, "O sotavento algarvio na cartografia militar de José de Sande Vasconcelos: os casos de VRSA e Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XLII, Faro, Câmara Municipal de Faro, 2020, pp. 71-107.

RATO, Manuel António Catarino, "O eborense José de Sande Vasconcelos: Engenheiro militar e cartógrafo do Algarve dos finais do século XVIII", in *Boletim do Arquivo Distrital de Évora*, Nº 4, Évora, Arquivo Distrital de Évora, 2016, pp. 67-96.

RATO, Manuel António Catarino, "As representações cartográficas e iconográficas do Reino do Algarve dos finais do século XVIII, pelo engenheiro militar eborense José de Sande Vasconcelos", in *Jornadas de História do Baixo Guadiana (2014-2018)*, (coord.) Miguel Godinho e Fernando Pessanha, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 2020, pp. 82-100.

SANTOS, Marco Sousa, "A Fundação de Vila Real de Santo António", in *Vila Real de Santo António e o Urbanismo Iluminista*, (coord.) António Rosa Mendes, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 2010, pp. 59-99.

VENTURA, Margarida Garcez, "Os coutos de Homiziados nas fronteiras com o direito de asilo", in *Revista da Faculdade de Letras. História*, 2ª série, Vol. 15, Nº 1, Porto, 1998, pp. 601-626.

VITERBO, Francisco de Sousa, *Diccionario Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses ou a serviço de Portugal*, Vol. II, Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciências, 1904.



Figura 1 – Fragmento do Prospecto da V.ª de S. Ant.ª d' Arenilha, tirada no dia 28. de Março, e feita no dia seguinte pelo Sargento mor Joze de Sande Vasconcellos, de 1774. PT/AMVRS/CMVRS/D1-E36-P01.

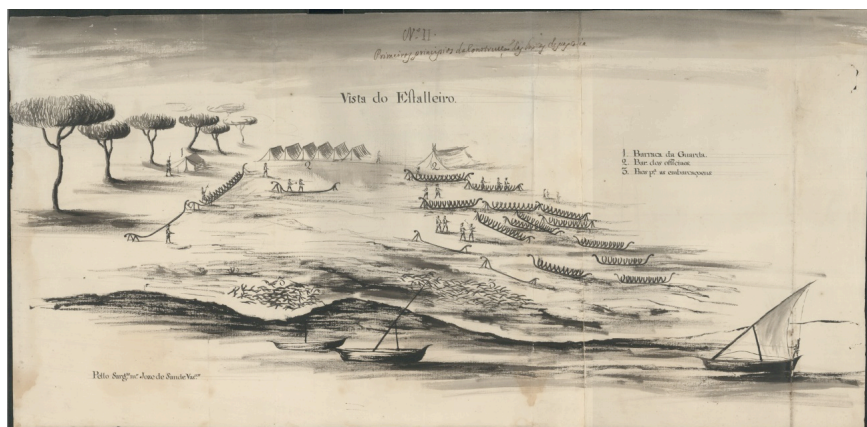


Figura 2 – Vista do Estalleiro, em 1774. PT/AMVRS/CMVRS/D1-E36-P01.

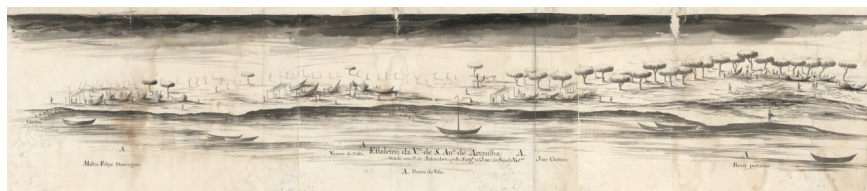


Figura 3 – Estaleiro, da V.ª de S. Ant.ª de Arenilha. Tirado em 9. de Setembro, pelo Sargt.º. m.r Joze de Sande Vas.cos, em 1774. PT/AMVRS/CMVRS/D1-E36-P01

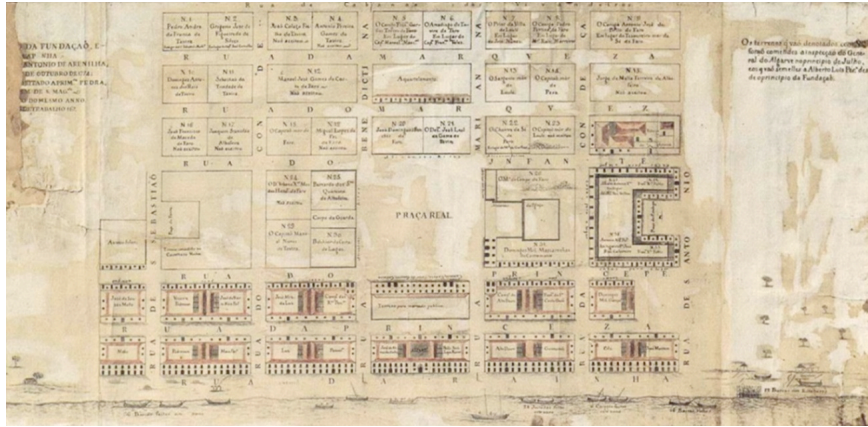


Figura 4 – Planta da Vila de Santo António de Arenilha, de Outubro de 1774. PT/AMVRS/CMVRS/1221.



Figura 5 – Pormenor da Planta da Vila de Santo António de Arenilha, de Outubro de 1774. PT/AMVRS/CMVRS/1221.

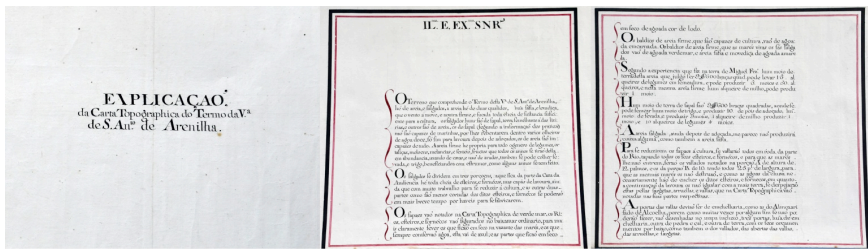


Figura 6 - Explicação da Carta Topographica do Termo da V.ª de S. Ant. de Arenilha..., de 1775. PT/AMVRS/CMVRS/640-643.

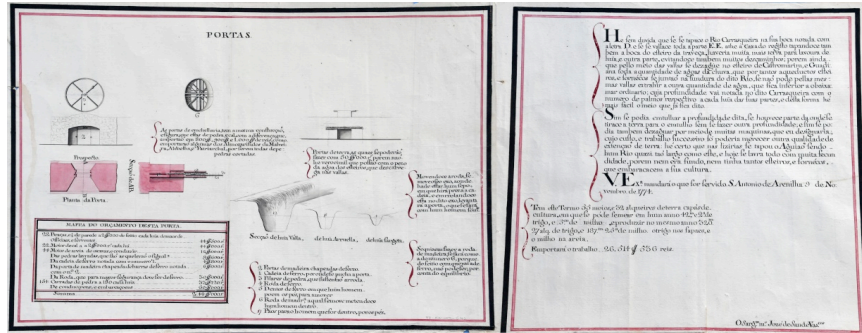


Figura 7 - Explicação da Carta Topographica do Termo da V.<sup>a</sup> de S. Ant<sup>o</sup>. de Arenilha..., de 1775. PT/AMVRS/CMVRS/640-643.

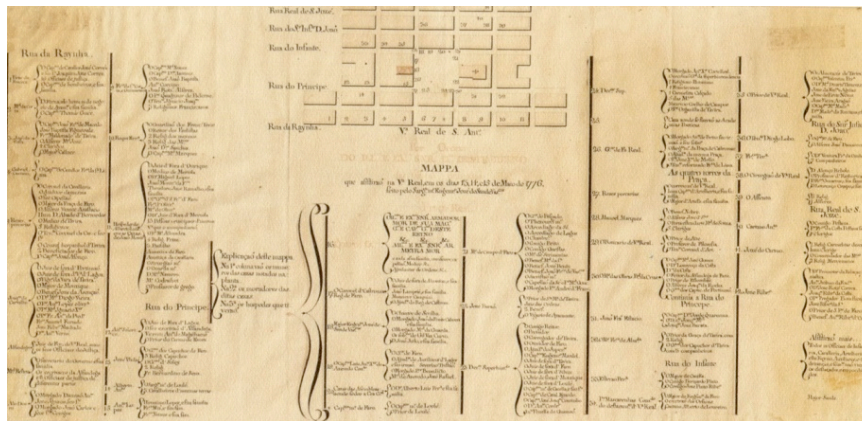


Figura 8 - Relação das principais personagens que assistiram às manonbras militares realizadas em Vila Real de Santo António nos dias 13, 14 e 15 de Maio de 1776. PT/AMVRS/CMVRS/1222.

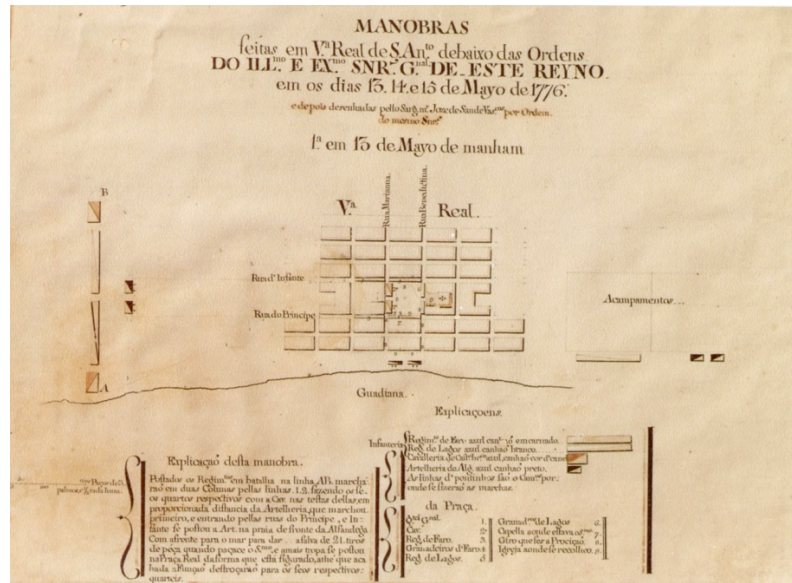


Figura 9 - Desenho explicativo das 1ª manobras militares executadas na manhã do dia 13 de Maio de 1776. PT/AMVRS/CMVRS/1223.

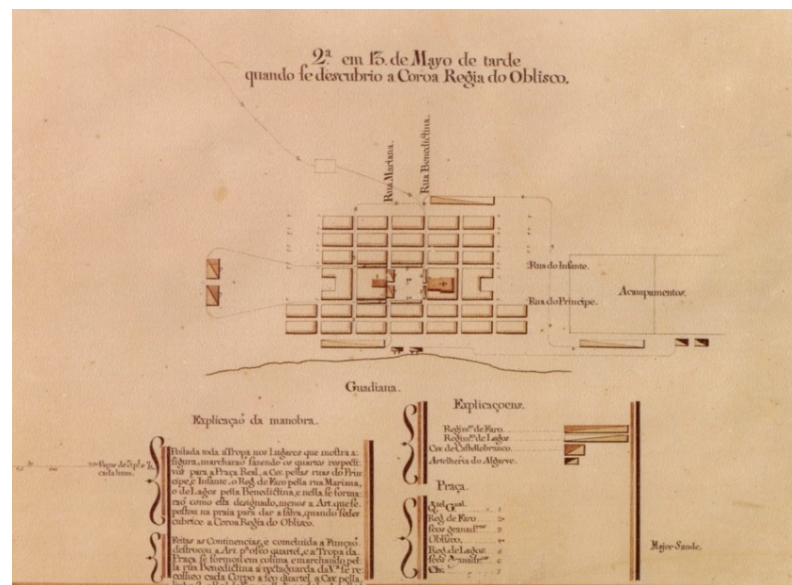


Figura 10 - Desenho explicativo das 2ª manobras militares, levadas a cabo na tarde do dia 13 de Maio de 1776, quando se descobriu a Coroa Régia que encima o Obelisco dedicado a El-Rei D. José I (actual Praça Marquês de Pombal). PT/AMVRS/CMVRS/1224.

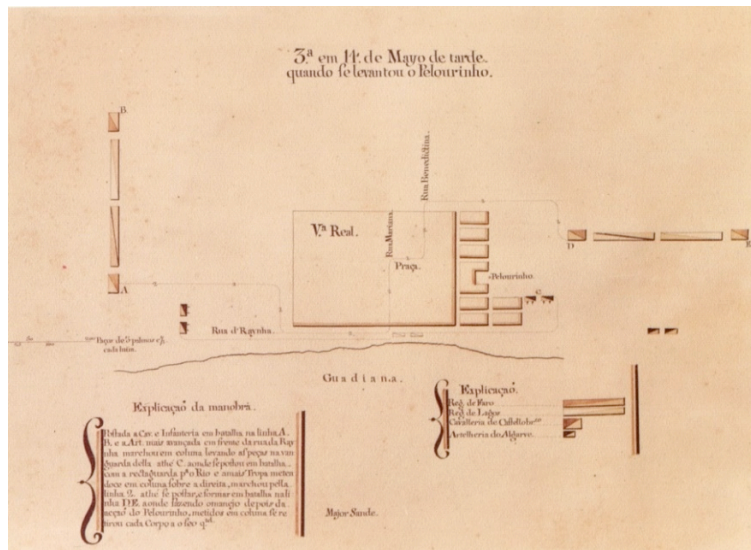


Figura 11 - Desenho explicativo das 3ª manobras militares, realizadas na tarde do dia 14 de Maio de 1776, quando se levantou o Pelourinho. (Antigo Largo da Forca e actual Largo António Aleixo). PT/AMVRS/CMVRS/1225.

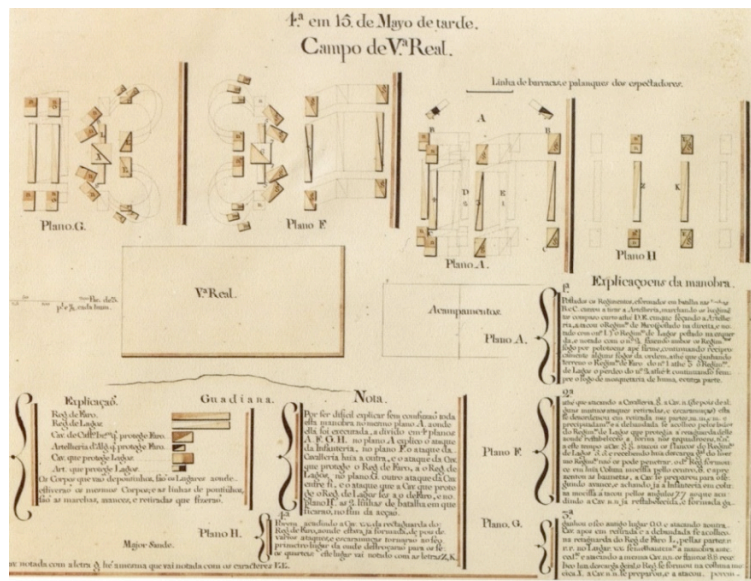


Figura 9 - Planos e descrições das 4ª Manobras militares, executadas na tarde de 15 de Maio de 1776, e que encerraram o ciclo marcial integrado nos festejos comemorativos da Fundação da Vila Real. PT/AMVRS/CMVRS/1226.

